

## **Logos e Praxis**

### **A convergência e a subserviência da experiência para com as Sagradas Escrituras na construção da teologia**

por Jefté Alves de Assis

#### **Introdução**

Quantas vezes você escutou essas palavras: “eu vivi uma experiência maravilhosa! Foi Deus quem me proporcionou isso, não importa o quanto seja estranho pensar nela. Talvez, você conheça sobre Deus, mas ainda não conhece a Deus totalmente, apesar de ser um crente...”. Essas palavras, as quais são carregadas de pressupostos pneumatológicos, com um fundo tipicamente carismático, já escutei muitas vezes. O pior de tudo é que, para muitos, isso é taxado como espiritualidade.

Por todos os lados, é advogado que Deus anda fazendo maravilhas nunca vistas antes, não importando se isso está ou não restrito aos registros da Palavra, posto que Deus, na sua onipotência, não está limitado a nada. Partindo desse princípio, nos é dito, não explicitamente, que a experiência religiosa tem tanta importância quanto as Escrituras.<sup>1</sup> Nada mais normal, partindo dessa premissa, que a experiência religiosa pessoal deva contribuir em grande parcela para a formulação de uma “teologia”. Talvez eles nem saibam, mas tais grupos têm popularizado o existencialismo filosófico no meio dos evangélicos.

A pergunta é: até que ponto é relevante a experiência na formulação teológica? Essa pergunta ganha singular importância diante da premissa que o evangelicalismo moderno tem sobre “um agir pneumatológico” na vida dos crentes, e da premissa reformada que a Escritura tem autoridade última sobre todo assunto.

#### **A revelação divina**

Para se fazer teologia é necessário saber a natureza do objeto de estudo. Em outras palavras, é mister que saibamos como esse objeto se dá a conhecer. Ao contrário de muitas outras áreas de pesquisas, onde o homem é quem desvenda e extrai conhecimento do objeto estudado, na teologia isso não é possível sem que o próprio Objeto, Deus, venha a se revelar e a se dar conhecido. Deus sempre é o sujeito, e nunca será predicado.

Teologia é o estudo de Deus, ou, definindo mais precisamente, “é a ciência que trata de Deus em Si mesmo e em relação com a Sua obra”, como diz Warfield. O trabalho da teologia contém três pressupostos básicos: (1) Deus existe; (2) ele se dá a

---

<sup>1</sup> Sou cessacionista, mas, infelizmente, não poderei tratar do assunto neste escrito, visto que o mesmo aqui não nos compete. Para uma boa consulta cessacionista, recomendo **O. Palmer Robertson**, *A Palavra Final* (São Paulo: Os Puritanos, 1999) e **Walter J. Chantry**, *Sinais dos Apóstolos* (São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1996).

conhecer, muito embora não de modo exaustivo e em sua perfeita completude; (3) ele se revela por meio de suas obras, que inclui criação e providência (revelação geral), e por meio da sua Palavra Escrita (revelação especial).<sup>2</sup>

A Confissão de Fé de Westminster, doravante CFW, reconhece isso, e diz no seu cap. I, seção I:

Ainda que a luz da natureza e as obras da criação e da providência manifestem a bondade, a sabedoria e o poder de Deus, de tal modo que os homens ficam injustificados, contudo não são suficientes para transmitir aquele conhecimento de Deus e de sua vontade, necessário à salvação; portanto, aprouve ao Senhor, em diversos tempos e diferentes formas, revelar-se à sua Igreja e declarar aquela sua vontade. E, depois, para melhor preservar e propagar a verdade, e para o mais seguro estabelecimento e conforto da Igreja contra a corrupção da carne e a malícia de Satanás e do mundo, entregou a mesma para que fosse plenamente escrita. Isso torna a Sagrada Escritura totalmente indispensável, tendo então cessado aquelas antigas formas de Deus revelar sua vontade a seu povo.

Aqui vemos que, sem revelação, nunca teríamos a oportunidade de creditar algum conhecimento da asseidade divina. Homem algum poderia exclamar: “descobri Deus!”. Antes, teria que dizer: “Deus, pela sua graça, me levou a conhecê-lo”. Aqui entra a pergunta: se Deus se revelou, como realmente se dar a perceber, de que forma podemos ter a certeza de que estamos obtendo um conhecimento claro do próprio Deus? Há duas possibilidades, procedentes da auto-revelação de Deus, as quais são distintas pela forma que é comunicada a humanidade: na natureza e no governo providencial do mundo, chamada revelação geral (Sl 19.1,2; At 14.17; Rm 1.19,20; 2Re 17.13), e nas Escrituras, chamada revelação especial (Hb 1.1,2). Enquanto uma é por demais generalizada, a outra é por demais restrita.

Toda pessoa que busca a revelação de Deus, a qual inclui sua santíssima vontade e preceito, desprezando e indo além da revelação especial está, evidentemente, andando nas profundezas obscuras (aos olhos da humanidade caída) da revelação geral. O problema é que a revelação geral não irá fazer sentido real das coisas para ninguém, salvo se esta for acompanhada das Escrituras. Eu só sei que “os céus proclamam a glória de Deus” pelo fato de que a Bíblia me diz, de outra sorte não saberia. Nesse entendimento, Charles Hodge diz:

As verdades que o teólogo tem para reduzir a uma ciência ou, para expressar mais humildemente, que ele tem para organizar e harmonizar, estão parcialmente reveladas nas obras externas de Deus, parcialmente na constituição de nossa natureza e parcialmente na experiência religiosa dos crentes; todavia, para que não erremos em nossas inferências das obras de Deus, temos uma revelação mais clara de tudo o que a natureza revela, em sua palavra; e para que não interpretemos erroneamente nossa própria consciência e as leis de nossa natureza, tudo isso pode ser

---

<sup>2</sup> Um bom artigo sobre a necessidade da teologia foi escrito por João Alves dos Santos, “A Igreja precisa de Teologia?”, [www.monergismo.com].

legitimamente aprendido dessa fonte que será encontrada, reconhecida e autenticada nas Escrituras; e para que não atribuamos ao ensino do Espírito as operações de nossas próprias afeições naturais, encontramos na Bíblia a norma e o padrão de toda genuína experiência religiosa.<sup>3</sup>

Nós, seres criados e alvos da providência divina, corremos o perigo de usarmos a revelação geral, mesmo que estejamos longe de conhecê-la com suposta segurança, a ponto de afirmar algo displicentemente. A única coisa que se pode deduzir de Deus fora das Escrituras é a revelação geral. Só que esta demonstra por si apenas a existência de um Criador, muito embora não diga por si quem é esse Criador. Como diz Warfield, “a primeira [revelação geral] tem em vista localizar e suprir a necessidade natural das criaturas quanto ao conhecimento do seu Deus; a outra [revelação especial], resgatar do seu pecado e suas conseqüências pecadores escravizados e deformados”.<sup>4</sup> O que sabemos mais sobre a revelação geral é o que a própria Bíblia expressamente nos fala. Sem esta, aquela não seria entendida devidamente.

Através da revelação geral, podemos dizer que todos os homens, independentemente de circunstâncias por eles vividas, têm algum conhecimento de Deus, no que concerne a sua existência. Isso é visto em todos os povos, onde se é reconhecido, em algum aspecto, a existência de deidades. Interessante notar, nesse ponto, a diferença que Peterson faz sobre o cerne da adoração do baalaísmo e o judaísmo:

A ênfase do baalaísmo era sobre o relacionamento psicológico e a experiência subjetiva... A transcendência da divindade era vencida pelo êxtase do sentimento. O baalaísmo é adoração reduzida à estatura espiritual do adorador. Seus preceitos são que deve ser interessante, relevante e excitante. O javéismo (adoração de Deus pelos israelitas) estabeleceu uma forma de adoração centralizada na proclamação da Palavra do Deus da aliança. O apelo foi feito à vontade. A inteligência racional do homem foi Deus. No javéismo algo era dito – palavras que conclamavam os homens a servir, amar, obedecer, agir responsabilmente, decidir... A distinção entre a adoração de Baal e a adoração de Javé é a distinção entre chegar-se à vontade de um Deus de alianças que poderia ser compreendido e conhecido e obedecido, e a força cega da natureza que apenas poderia ser sentida, absorvida e imitada.<sup>5</sup>

Isso que a história relata só demonstra o que acontece quando não temos o norteamento da Bíblia. É preocupante o perigo que ronda sobre certas igrejas de acabarem entrando num neo-baalaísmo. O que é mais significativo nisso é a semelhança que há no resultado de se apelar para uma revelação que não é a revelação especial: um fim egoísta, o qual não busca conhecer a Deus, mas saciar desejos próprios, sejam quais forem.

---

<sup>3</sup> Charles Hodge, *Teologia Sistemática* (São Paulo: Hagnos, 2001), 8.

<sup>4</sup> Warfield em Louis Berkhof, *Teologia Sistemática*, 1ª ed, 6ª tiragem (Campinas: Luz para o Caminho, 1990), 36.

<sup>5</sup> Eugene H. Peterson em John F. MacArthur Jr., *Os carismáticos*, 5ª ed. (São José dos Campos: Editora Fiel, 2002), 63.

Creio piamente no que está escrito na seção VII do cap. I da CFW. Lá está escrito que “na Escritura não são todas as coisas igualmente claras em si, nem do mesmo modo evidentes a todos; contudo, as coisas que precisam ser obedecidas, cridas e observadas para a salvação, em um ou outro passo da Escritura são tão claramente expostas e explicadas, que não só os doutos, mas ainda os indoutos, *no devido uso dos meios ordinários*, podem alcançar uma suficiente compreensão delas”.<sup>6</sup> A dificuldade que está em volta da questão nos dias de hoje não é a falta de clareza da Bíblia quanto aos temas essenciais da fé cristã, pois ela é clara. Mas, o problema consiste em não usar devidamente os meios ordinários que Deus deu para que estes fossem compreendidos. Esses meios ordinários são lógicos e racionais. Ou seria Deus ilógico ou irracional? Não há meio termo para aquele que é onisciente e detentor de toda sabedoria! (SI 107.43) Essa é uma perspectiva nada animadora para um país como o Brasil, em que uma grande parcela da população são analfabetos funcionais. Estes sabem até ler, mas não conseguem apreender o correto significado de qualquer texto, inclusive a Bíblia. Infelizmente, muitos crentes estão dentro desse grupo. Daí, para “equilibrar” sua funcionalidade dentro da congregação, apregoam que é mais fácil viver em êxtase do que ler.

Os protestantes não advogam que apenas uns poucos iluminados têm a capacidade de ler e interpretar as Escrituras coerentemente. Pelo contrário, louvamos a Deus por ela estar chegando a muitos povos de uma maneira maravilhosamente rápida. Esses povos têm o direito de interpretar as Escrituras! Mas, isso afasta a necessidade de uma boa exegese? Claro que não! Todos são livres para interpretar as Escrituras, mas não são livres, diante de Deus, para dar sentido além do que ela ensina.

Enfim, podemos dizer que a pessoa que confia na revelação geral, mesmo que não admita nestes termos, possui uma pressuposição falha, pois: (1) a revelação geral, desassociada da revelação especial, não irá conduzir ninguém a salvação, mas irá conduzir a culpa, visto que os homens não reconheceram o verdadeiro Deus e nem O glorificaram dignamente como lhe apraz; (2) ele terá que pressupor a perfeição de suas operações mentais e sensoriais em todos os momentos, em todos os lugares, em todas as circunstâncias e em toda a sua capacidade. Visto que tal é impossível, a pessoa deve se sentir privada da possibilidade de prosseguir com suas “experiências”, voltando-se para a Bíblia; (3) visto que é unicamente através da revelação especial que sabemos da possibilidade de salvação, “é à luz da mesma e única fonte [revelação especial] que podemos saber quais são as condições de salvação ou quem serão salvos”.<sup>7</sup>

### **Quem determina quem?**

Um ponto crítico que encontramos no evangelicalismo moderno é sua incoerência, no que tange ao se pensar que as suas experiências não precisam estar ladeadas pelo que a Escritura expressamente diz. Para eles, as deduções tiradas da Bíblia são meros conceitos formais sem utilidade alguma, pois teologia só nos impede de conhecermos a Deus. A grande maioria que compõe o evangelicalismo moderno é composta por tais pessoas. Há alguns mais sinceros e abertos quanto a seus pensamentos. Este é o caso de Larry Christenson. Ele diz abertamente que o cristianismo, bem como sua crença, está baseada na experiência, enquanto a teologia é unicamente uma explicação de tal experiência. O quadro que é pintado no

<sup>6</sup> Ênfase minha.

<sup>7</sup> Charles Hodge, *Teologia Sistemática*, 20.

evangelicalismo hodierno é por demais multifacetado, mas todos, direta ou indiretamente, têm, em maior ou menor grau, dado autoridade as suas respectivas experiências em detrimento a Palavra.

Diante disso, façamos a seguinte indagação: o que se quer dizer sobre conhecer a Deus? Se conhecer a Deus envolve ter comunhão com Ele, se deduz, a partir disso, que tal comunhão requer troca de conhecimento. Como pode haver comunhão, se ambas as partes não tem conhecimento de si? E como poderia haver comunhão se não houver proposições verbais exatas, principalmente quando presenciamos homens caídos, cegos espiritualmente, que não podem compreender a Deus, a menos que esse se revele objetivamente? Se a resposta for “pelas experiências”, é mister lembrar que até estas só tem sentido definido pela teologia. Ora, como poderíamos nós mesmos determinar o que é experiência e seu valor, visto que somos passíveis de falha? Precisamos de algo que esteja acima de nós e que seja infalível para tal, e isso só acontece quando o próprio Deus dá a sua Palavra. Isso tudo só faz sentido se tivermos algo para julgar. Experiência não pode julgar experiência, sem que esta tenha um padrão bem definido. Caso contrário, tudo isso continuará sem sentido e, por sua vez, nulo. Tudo provindo de homens continua sendo passivo de exame, pois continua indefinido, até que seja esclarecida por uma teologia alicerçada nas Escrituras.

Todas as vezes que alguém diz que conhece algo sobre Deus, seja lá onde alicerce tal proposição, e se a mesma condiz com a realidade, de certa maneira já está fazendo teologia. Uma teologia sã sempre encaminhará os fiéis para práticas sãs, mas uma teologia alicerçada em um subjetivismo só encaminhará os fiéis a um pluralismo vão e vazio. Por exemplo, como saberíamos, através da experiência, que Deus nos ordena guardar um dia dentre sete, se este mandamento não tivesse provindo verbal, direta e objetivamente da parte de Deus? É óbvio que uma “determinada” conduta de um “determinado” homem seria o próprio padrão a seguir. Será se este “adivinharia” o certo?

Não é satisfatório simplesmente apelar para o que a Bíblia não condena explicitamente. Na realidade, existem pessoas que tem desenvolvido uma teoria (para não chamar teologia, pois esse termo as ofende) baseada mais sobre o que a Bíblia não fala do que sobre ela explicitamente diz. Esse tipo de pessoa quer tornar a experiência subjetiva como uma forma expandida do texto bíblico. A essas pessoas dizemos que, desde que nenhum homem é detentor do cânon, e nem ele mesmo (o homem) pode ser o cânon, desde que o silêncio bíblico é inadmissível para uma discussão, adentrar em tais assuntos é dar autoridade indevida a si. É ser senhor de si próprio. Experiência por experiência, eu tenho as minhas, mesmo que bem diferente das ditas pelos carismáticos! Nem por isso as considero normativas para a minha vida! Portanto, a experiência não pode validar a si própria. Existem, no próprio movimento carismático, experiências das mais diversas, as quais muitas entram em conflito entre si. Onde está baseada a lei da não-contradição e a norma que determinará o que é certo e errado? Não existe outra resposta, se não for as Escrituras.

Os reformados sempre entenderam que, onde a Bíblia silenciava, também se deve silenciar. Na época da reforma, Lutero e Calvino, atalhias da verdade, foram inúmeras vezes desafiados pela Igreja Católica Romana para demonstrarem, através de sinais, prodígios e milagres, a autenticidade de seus ensinamentos. Como era de se esperar, os romanistas apelaram para suas tradições documentadas, as quais continham

relatos de milagres realizados por seus santos. Isso tudo para provar que Deus estava do lado de Roma e não do lado da Reforma. A resposta dos reformadores, nossos pais, foi em uníssono: *Sola Scriptura!* Eles tinham supostos sinais, nós tínhamos a Bíblia.

Deus, pelo seu próprio ser, não poderia nos forçar a crer em algo por meio da experiência, e em sua Palavra dizer outra coisa. Ele estaria se contradizendo. E, se Ele está se contradizendo, logo Ele é falho. Se Deus é falho, Ele não é onisciente. Se Ele não é onisciente, ele não é Deus. Se Deus não é Deus, Deus não existe. E se Deus não existe, não há razão para acreditar nEle e nem discutir sobre isso tudo.

O mais interessante é que, hodiernamente, a pessoa que defende a autoridade da Bíblia é tida como não espiritual. No entanto, uma breve abordagem sobre o movimento do subjetivismo no meio evangélico demonstrará claramente que ele se aproxima mais da neo-ortodoxia, liberalismo e do redil catolicismo romano, do que do pensamento da reforma religiosa do séc. XVI. Quem crê em tradição e experiência providas de homens como dogma se chama católico romano; quem crê na Bíblia como fonte de revelação, única de onde providenciamos os dogmas, se chama reformado. Em outras palavras, quem se diz ser genuinamente protestante, mas segue tais práticas subjetivas, não sabe o que é ser protestante/reformado ou não sabe o que faz!<sup>8</sup>

Não duvido do desejo sincero de muitas pessoas que compõem o movimento carismático/neo-pentecostal, da mesma forma que Paulo sabia que os judeus tinham zelo, mas sem entendimento (Rm 10.2). Pode existir sinceridade, sem conhecimento aplicado. Sei, também, que existe uma persuasão muito sutil no meio que defende tal premissa, chegando a ponto dos que compõem tal grupo duvidarem da conversão daqueles que duvidam de suas práticas, mesmo que essas não sejam bíblicas. Certo dia, uma pessoa me disse que havia visto Deus, afirmando a beleza de tal encontro e a felicidade subsequente. Repliquei a ela: “se você tivesse visto Deus, estaria como Isaías, prostrado no chão; ou como Paulo, cego diante da glória de Deus; ou como João, ao ver o Senhor entre sete candeeiros, quando este caiu como morto. Portanto, você não viu Deus; se o tivesse visto, estaria aos prantos por causa do seu pecado e não sorrindo”. Pessoas como essas se esquecem que Deus é espírito (Jo 4.24), que ninguém jamais viu a Deus (Jo 1.18) e que ninguém que chegue a ver a face dEle poderá sobreviver (Ex 33.30). Enfim, ou sigo as Escrituras ou a minha dedutiva imaginação.

### **O papel do Espírito Santo na experiência**

Atualmente, é notório presenciar pessoas falando muito sobre novas e inéditas experiências que, supostamente, o Espírito Santo tem realizado. No entanto, dificilmente encontramos essas pessoas falando sobre a experiência de santidade que o Espírito realiza em suas vidas, a convicção de pecado e dependência de Deus. Isso parece, no mínimo, estranho. Por que é tão enfatizado as supostas novidades do Espírito, esquecendo-se do único fruto do Mesmo: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio? (Gl 5.22-23)

Como já inferimos acima, não se deve obliterar a obra do Espírito Santo na vida dos crentes que foram salvos e remidos pelo sangue de Cristo, bem como as experiências que provêm de tal obra. Isso é muito importante, pois a experiência

---

<sup>8</sup> Veja uma boa relação disso em John F. MacArthur, Jr. *Os carismáticos*, 57.

religiosa, embora não substitua a revelação especial, é um espelho do que a revelação especial nos ensina.

É nos dito que a teologia reformada é anti-emocional. Isso não é verdade. Quando dizemos que nossas experiências são subordinadas às Escrituras, queremos dizer que a apreensão de valores contidos nas experiências religiosas é dada pelo Espírito, o qual age coerentemente para consigo próprio nas emoções humanas, por meio das Escrituras.

Algo que distinguiu muito o agostinianismo e alguns teólogos reconhecidos da idade média e os reformadores, com especial ênfase a Calvino, é a indicação de um lugar próprio do ensino interior do Espírito na determinação de uma teologia.<sup>9</sup> Creio piamente que “as Escrituras ensinam não só a verdade, mas quais são os efeitos da verdade no coração e na consciência, quando aplicada com o poder salvífico pelo Espírito Santo”.<sup>10</sup> O Espírito Santo, aquele mesmo que é o autor das Santas Escrituras e que santifica o crente, é coerente para consigo próprio em suas obras. De forma que ele não realiza nada do que, outrora, condena ou não pratica.

A pergunta não é primeira e principalmente: “o que é verdadeiro para o entendimento?”, mas “o que é verdadeiro para o coração renovado?”. O esforço não é em fazer asseverações para harmonizar a Bíblia com a razão especulativa, mas em sujeitar a nossa frágil razão à mente de Deus como revelada em sua Palavra, e por seu Espírito em nossa vida íntima.<sup>11</sup>

É o Espírito Santo quem imprime as Palavras de Cristo na mente dos seus para que estes andem de acordo com ela. Ele é chamado de o Espírito da Verdade (Jo 14.17; 15.26; 16.13). O Espírito Santo imprime em nossas mentes a mesma doutrina que é encontrada na Bíblia (Jo 17.17). Na realidade, existem muitos que não querem “doutrina sem Espírito”. Para essas, deve-se lembrar que não há Espírito sem a verdade! São, unicamente, as Palavras de Cristo vividas por nós, por influência do Espírito Santo, que devemos esperar e praticar. O Espírito Santo só age em nós de acordo com a obra que lhe foi proposta por Cristo (Jo 16.14). Nada mais que isso! Toda e qualquer mensagem que venha contrapor ou adicionar o Evangelho, diz o apóstolo Paulo, “seja anátema” (Gl 1.6-9). No dia em que o Espírito Santo modificar qualquer coisa escrita, ele estará abdicando do seu posto e degenerando o seu ser. Graças a Deus que isso é impossível!

Muitos poderão relutar a isso, indagando como o agir do Espírito Santo estaria subordinado a qualquer coisa – até mesmo as Escrituras. A isso, Calvino respondendo sobre o próprio testemunho e inspiração do Espírito nas Escrituras, diz:

Como se fosse, na verdade, repulsivo ao Espírito Santo ser igual a si mesmo, por toda parte, ou permanecer de acordo consigo mesmo em todas as coisas, e em não varia em coisa alguma! ... Quando, porém comparamos o Espírito consigo mesmo, e em si mesmo o consideramos, quem poderá dizer que, com isso, o estejamos ofendendo? ... Deus não deu a Palavra aos homens tendo em vista uma apresentação passageira, que fosse abolida assim que viesse o seu Espírito. Ao contrário, enviou-

<sup>9</sup> Veja pontos salutares sobre esse assunto em Charles Hodge, *Teologia Sistemática*, 12.

<sup>10</sup> *Ibid*, 8.

<sup>11</sup> *Ibid*, 12.

nos o mesmo Espírito por meio de cujo poder nos deu a Palavra, com o fim de realizar a sua obra, confirmando eficazmente a mesma Palavra.<sup>12</sup>

A doutrina firmada da Palavra não é divorciada da prática. Pelo contrário, ela é o meio que o Espírito Santo de Deus utiliza para nos fazer cientes da vontade do Pai e, conseqüentemente, praticá-la (Lv 20.7-8). Não seria irônico, pois é triste, como pessoas que dizem querer voltar às raízes do pentecostes, querendo que o Espírito as guie, mas esquecem de ler At 2.42, que diz: “e perseveravam na doutrina dos apóstolos”? Quando o Espírito Santo habita em nós, temos um amor profundo pela verdade doutrinária e não aversão pela mesma.

### **O valor da experiência**

Creio que uma boa teologia deve vir acompanhada de uma boa vida prática. Mas, a santidade só pode ser vivida através da Palavra (Jo 17.17), de outra forma isso ela não passará de um mero e vazio ascetismo. Por isso, devemos ter cuidado para não termos dois tipos de teologia distintas em uma só pessoa: uma boa teologia para mente, mas uma péssima e imprudente teologia para os pés. O estudo da Palavra deveria ter como um dos seus objetivos primeiros a responsabilidade do praticar o que foi apreendido, visando o aprimoramento e santificação do nosso coração. Uma vez adentrada e apreendida nos corações, essa verdade nos levará a glorificar a Deus. O senso de responsabilidade que teremos no estudo, ao qual iremos colocar em prática, será a bússola que nos guiará, mas não para além do limite que a mesma propõe. A Bíblia é luz tanto para os nossos olhos, quanto para os nossos pés (Lc 16.29-31)!

O texto de 2Pe 1.16-21 é por demais importante para nós. MacArthur Jr., ao aludir a esse texto, ele diz:

A experiência tem que ser validada pela ainda mais certa Palavra da Escritura. Quando buscamos a verdade sobre vida e doutrina cristã, não nos baseamos na experiência de alguém. Vamos primeiro à palavra revelada de Deus. E o principal erro do movimento carismático, visto quase todos os dias na imprensa ou na televisão, é que ele permite que as experiências ditem a verdade, ao invés da Palavra de Deus.<sup>13</sup>

As experiências devem ser subservientes da Palavra de Deus, e não ao contrário, dando primazia ao eu. Quem ama a Cristo amará a doutrina da Palavra (Jo 7.16-19). Na realidade, existem muitos, à semelhança de Filipe no cenáculo, que não conseguem ter fé pela palavra de Cristo somente (Jo 14.6-10). Eles querem um sinal para si, algo palpável para que lhes preencha seu coração. No entanto, fé conseguida desta forma é estranha, visto que “fé é a certeza de cousas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem” (Hb 11.1).

O mesmo Paulo que foi arrebatado ao terceiro céu (2Co 12.2), foi o mesmo que exortou Timóteo a se dedicar à leitura da Palavra (1Tm 4.13), reafirmando, posteriormente, que “ela é útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2Tm 3.16).

<sup>12</sup> João Calvino, *As Institutas da Religião Cristã* – Livro I, Capítulo 9.

<sup>13</sup> John F. MacArthur, Jr. *Os carismáticos*, 59.



Quando compreendemos a Palavra de Deus, as experiências virão a partir desse conhecimento (Lc 24.32). “A experiência não é o que valida o Cristianismo histórico; é o Cristianismo histórico que comprova a experiência”.<sup>14</sup> Todas as experiências verdadeiras são reconhecidas e autenticadas pelo próprio padrão de Deus, ou seja, as Santas Escrituras. Se queremos andar segundo a vontade de Deus, andemos de acordo com a Palavra, visto que a mesma é a própria voz de Deus. Assim sendo, não há como dissociar entre o falar Deus e o dizer da Bíblia, o obedecer a um e o obedecer a outro, posto que crer e praticar o que está prescrito na Bíblia é crer e praticar o que Deus prescreve.

## **Conclusão**

Conclamo a todos que lêem esse escrito: usem o método de Beréia (At 17.11) para examinar tudo aquilo que nos é proposto por um evangelicalismo que prega a superioridade dos sentimentos em detrimento à Palavra. Tomemos cuidado para que em nossa vida não venhamos em vez de “pisar a Satanás”, como diz certo corinho carismático, acabarmos “pisando na Palavra de Deus”. Precisamos, cada vez mais, estudá-la, a fim de que a apliquemos em nosso proceder e a vivamos em nossas experiências.

## SOLI DEO GLORIA

*“As emoções talvez sejam o leme do navio, mas a mente é que deve pilotar; e a carta marítima a ser seguida é a verdade revelada por Deus”.*

*John Owen*

---

<sup>14</sup> Ibid, 66.